

# ANÁLISE DO DISCURSO E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA DA LINGUAGEM: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Silvana Cosmo DIAS<sup>1</sup>  
Silvane Aparecida de FREITAS<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho está fundamentado em estudiosos como Authier-Revuz (2004), Pêcheux (2007), Foucault (1997), Bakhtin (1992) e outros, no sentido de buscar a orientação teórica sobre a relação da linguagem com a exterioridade. Isso é compreendido com base nas condições de produção do discurso, no relacionamento da materialidade textual com o interdiscurso, por meio da memória discursiva. Este artigo faz parte do desenvolvimento da Dissertação de Mestrado, do programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo geral de pesquisa é analisar o discurso do idoso inserido no processo de letramento, tendo como arcabouço teórico a Análise do Discurso. Desse modo, temos como objetivo neste artigo analisar os referenciais teóricos sobre Análise do discurso, tais como linguagem, discurso, sujeito, ideologia e heterogeneidade constitutiva da linguagem. Para isso, utilizamos como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica. Assim, esperamos que este artigo contribua na compreensão dos processos identificatórios do sujeito idoso e quais as representações que faz de si ao estar inserido no processo de letramento.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Sujeito. Discurso. Ideologia. Heterogeneidade.

## INTRODUÇÃO

Neste estudo, pretendemos refletir sobre os conceitos teóricos da Análise do Discurso, tais como discurso, sujeito, ideologia e heterogeneidade na perspectiva da Análise do Discurso, a fim de contribuir para o desenvolvimento da Dissertação de Mestrado, do programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo geral de pesquisa é analisar o discurso do idoso inserido no processo de letramento para perceber que representação o idoso faz de si; um processo de identificações do sujeito idoso. Nessa perspectiva teórica, a exterioridade é elemento constitutivo da linguagem, assim como as condições de produção do discurso que interferem na materialidade textual, como o interdiscurso.

Para isso, foi necessário recorrer a teóricos como: Pêcheux (2007), Foucault (1997), Maingueneau (1986), Orlandi (1986), e Bakhtin (1992), do sociointeracionismo discursivo, a fim de aproveitar suas contribuições para os estudos do discurso, ressaltando que esta perspectiva teórica de estudo se situa na relação entre Linguística, História e a Psicanálise.

---

<sup>1</sup>(PG-UEMS) scosmodias@yahoo.com.br

<sup>2</sup>(UEMS) silvaneafreitas@hotmail.com

É interessante salientar que todo discurso remete a outros discursos. Assim, a interpretação é guiada por condições de produção particular. Desse modo, essa teoria considera a reflexão sobre o sujeito, sua ideologia, seus discursos, suas identificações. Verifica-se, então, que todos estes elementos estão relacionados ao sujeito que fala, com quem fala e para quem diz, num processo heterogêneo.

Assim, ao refletir sobre a noção de sujeito, é oportuno vincular a discussão sobre as questões ideológicas, pois estes conceitos se relacionam de forma simultânea, ao analisar o discurso de idosos inseridos em processo de letramento.

Nessa perspectiva, esperamos que, por meio desse trabalho de orientação teórica seja possível posteriormente contribuir para a compreensão de como acontece os processos identificatórios do sujeito idoso e quais as representações que esse sujeito faz de si ao estar inserido no processo de letramento, cuja proposta da dissertação de mestrado em andamento, como também para o pesquisador que propõe desenvolver análise de um *corpus* dentro dessa perspectiva teórica.

## **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO**

Michel Pêcheux é considerado o fundador da teoria da Análise do Discurso de linha francesa no início da década dos anos sessenta. O objeto de pesquisa dessa teoria é o discurso, levando em conta tanto o sujeito da linguagem, tanto a ordem da própria linguagem como a situação. Esse pesquisador estrutura a Análise do Discurso com base em outras áreas do conhecimento como a Psicanálise, partindo da releitura que Lacan fez dos trabalhos de Freud; na Linguística, a partir dos estudos de Saussure; e no Marxismo, com base nas releituras que Althusser fez dos textos de Marx. Assim, a Análise do Discurso é considerada uma disciplina de entremeio. Para Gregolin (2001a, p.1)

[...] esse triplo assentamento traz consequências teóricas: a forma material do discurso é linguístico-histórica, enraizada na História para produzir sentido; a forma sujeito do discurso é ideológica, assujeitada, não psicológica, não empírica; na ordem do discurso há o sujeito na língua e na História.

A Análise do Discurso (AD) de orientação francesa postula a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade, considerando o sujeito, a história e a memória. Ela é compreendida como ação, transformação, como um trabalho simbólico em “que tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos e reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.” (ORLANDI, 1986, p. 171).

Na perspectiva da AD, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz segundo Pêcheux (1990), um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia. Nem tudo que ele pensa pode ser dito e o que diz é controlado, mesmo que de forma inconsciente. Seu dizer vem de outros lugares que o sujeito nem sabe de onde, mas ele tem a ilusão de ser a fonte de seu discurso. No entanto, seu discurso é perpassado por outros, formando, segundo Authier-Revuz (2004, p. 69), a heterogeneidade constitutiva:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso Outro’. O *outro* não é um objeto (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso.

Dessa forma, a dimensão ideológica do sujeito ocorre entre o limite da dimensão enunciativa e a dimensão do inconsciente, sem se limitar a nenhum desses aspectos, pois “enquanto as teorias da enunciação se constituem em teoria subjetivas da linguagem, a AD se constitui numa teoria não-subjetiva que concebe o sujeito não como centro do discurso, mas como um sujeito cindido, interpelado pela ideologia, dotado de inconsciente e sem liberdade discursiva” (GUERRA, p.47, 2008).

Assim, o sujeito se constitui na e pela linguagem e o seu dizer é o resultado da interpretação que faz e esta está sempre sujeita aos equívocos, uma vez que a linguagem é vista na sua incompletude. Desse modo, nem sujeitos e nem sentidos são completos ou definitivos, eles se constituem historicamente e socialmente pela memória discursiva.

Segundo Orlandi (1986, p. 80), “as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso, que por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”. O conceito de discurso é o efeito de sentido produzido, articulado entre o fenômeno linguístico formal e os processos ideológicos instituídos socialmente. O sujeito ao enunciar enuncia de um lugar marcado por uma formação discursiva interligada a uma formação ideológica. A formação discursiva de onde se fala regula seu dizer, ou seja, dita o que deve e o que não deve ser dito em determinada circunstância. Pêcheux (1990, p. 163) afirma que:

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Do ponto de vista da AD, o discurso se constitui com base no interdiscurso, desse modo, os discursos produzem sentidos a partir de outros já instituídos na sociedade. Assim, entende-se por memória discursiva:

[...] como sendo esses sentidos já cristalizados, legitimados na sociedade e que são reavivados no intradiscurso. Este é, muitas vezes apagados pela ideologia, para produzir o efeito de homogeneidade discursiva, espaço de deslocamentos, de retomadas, de conflitos, de regularização. (GUERRA, 2008, p.47).

Na perspectiva de compreender melhor as diretrizes da AD é importante a reflexão sobre alguns conceitos que faz parte constituição dessa teoria. Primeiramente destacaremos a conceituação de discurso, já que o intento da AD é situar os discursos que atuam em uma formação social, relacionando-os às condições de produções. Nessa perspectiva, o discurso passa a ser o objeto de estudo desta teoria. Sobre as condições de produção do discurso Cardoso (2005, p. 39) ressalta que:

As condições de produção de um discurso não devem ser entendidas apenas como sendo a situação empírica, mas devem ser entendidas apenas como sendo a situação empírica do discurso que está em jogo, mas como sua representação no imaginário histórico-social. Os protagonistas do discurso (interlocutores) não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representações de lugares determinados na estrutura social.

Sabe-se que por se tratar do objeto da disciplina da AD, o discurso requer um tratamento com rigor teórico, do qual se deve refletir. Esta reflexão, em primeiro momento, deve ser no sentido de definição. Para isso, vale retomar o pensamento de Maingueneau (2005, p.51), ao afirmar que:

No uso comum chamamos de “discurso” os enunciados solenes (“o presidente faz um discurso”), ou pejorativamente, as falas inconseqüentes (“tudo isso é só discurso”) o termo pode igualmente designar qualquer uso restrito da língua: o “discurso político”, “o discurso administrativo”, o “discurso polêmico”, “o discurso dos jovens” etc. Nesse emprego, o “discurso” é constantemente ambíguo, pois pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos: o “discurso comunista” é tanto o conjunto de textos produzidos por comunistas, quanto o sistema que permite produzir esses textos, ou outros ainda igualmente qualificados como textos comunistas.

Ainda na visão desse autor, a noção de discurso é vastamente empregada nas ciências da linguagem quando enfoca que:

[...] a noção de discurso é muito utilizada por ser o sintoma de modificações em nossa maneira de conceber a linguagem. Em grande parte, essa modificação resulta da influencia de diversas correntes das ciências humanas reunidas frequentemente sob a etiqueta da pragmática, Mais que uma doutrina a pragmática constitui, com efeito, uma maneira de aprender a comunicação verbal (MAINGUENEAU, 2005, p.52).

Desse modo, o discurso para a AD é compreendido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre os interlocutores e locutores. Dessa forma, o discurso enquanto ação social remete à “ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 1986, p. 15).

Na perspectiva da AD, o discurso precisa de elementos linguísticos para existir na materialidade. Assim, o discurso remete aos aspectos exteriores à língua, aos “aspectos sócios históricos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FREITAS, 2010, p. 152).

Nos estudos do discurso, focalizado pela AD, é observado que as marcas linguísticas não representam muito sobre o discurso. Assim, é necessário considerar como elas aparecem em um discurso “é necessário estabelecer seu modo de existência em relação à propriedade do discurso, que é o objeto de análise, já que está caracterizando significativamente o discurso em relação às marcas que o constituem” (FREITAS, 2010, p. 152).

Dessa forma, o estudo sobre o discurso, na perspectiva da AD, faz também referência às considerações que Foucault realizou sobre esse objeto. Para Foucault (1997), o discurso é compreendido como dispersão, por ser formado por elementos que não formam uma unidade. Nesse caso, cabe à Análise do Discurso criar mecanismos capazes de conduzir a formação dos discursos. Essas regras foram chamadas por Foucault de “regras de formação” que permitem a determinação dos elementos que formam os discursos. Essas regras, segundo ele, é o que determinam a caracterização da “formação discursiva”, possibilitando assim a passagem da dispersão para a regularidade. Dessa forma, consegue-se a regularidade por meio da análise dos enunciados que constituem a formação discursiva. Assim, esse pensador define o discurso como “um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1997, p. 146).

Esse autor ressalta ainda algumas características do enunciado, no qual, segundo Brandão (2004), evidencia a mais importante, aquela que trata da relação do enunciado com o sujeito, no qual Foucault critica a concepção do sujeito enquanto instância fundadora da linguagem.

Poder-se-ia dizer que o tema do sujeito fundador permite elidir a realidade do discurso. O sujeito fundador [...] está encarregado de animar diretamente “com seu modo de ver” as formas vazias da língua: é ela que atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, retoma, intuitivamente, o sentido que aí se encontra depositando; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá, em seguida, senão que explicar e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão enfim seu fundamento. Em sua relação com o sentido, sujeito fundador dispõe de signos, de marcas, de letras. Mas não tem necessidade, para manifestá-los, de passar pela instância singular do discurso (FOUCAULT, 1974. p.49).

Dessa forma, Foucault instaura uma nova visão da história com ruptura e descontinuidade, consagra, assim, uma nova maneira de perceber o mundo, no qual “não há lugar para um projeto divino ou humano [...] a matéria histórica descontínua é o evento na sua manifestação discursiva sem referência a uma teologia ou a uma subjetividade fundadora” (BRANDÃO, 2004, p. 34).

Para Foucault (1974), o discurso não é constituído pela unidade do sujeito, mas pela sua dispersão, devido às muitas posições assumidas pelo sujeito no discurso, desconsiderando, desse modo, a unidade do sujeito. Ele acrescenta que os enunciados existem isoladamente, pois

Todo enunciado se encontra assim especificado: não existe enunciado em geral, enunciado livre, neutro ou independente; mas, sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se deles e se distinguindo deles: ele se integra sempre em jogo enunciativo (FOUCAULT, 1974, p.124).

Ainda na perspectiva de Foucault, ressalta-se que a condição material é o que de fato constitui o enunciado como objeto. Desse modo, ele faz distinção entre enunciado e enunciação. Partindo dessa concepção, Brandão (2004) afirma que existe enunciado, toda vez que alguém emite um conjunto de signos; já a enunciação caracteriza-se pela singularidade, ao nunca se repetir, o que não ocorre com o enunciado. Assim,

[...] a repetição de um enunciado depende de sua materialidade, que é de ordem institucional, isto é, depende de sua localização em campo institucional, uma frase dita no cotidiano, inserida num romance ou inscrita num outro tipo qualquer de texto, jamais será o mesmo enunciado, pois em cada um desses espaços, possui uma função enunciativa diferente (BRANDÃO, 2004, p.36).

As contribuições de Bakhtin (1992) são também importantes para a reflexão deste fundamento teórico. Para ele, o discurso se constitui pelo fenômeno social da interação verbal. Desse modo, considera o outro como elemento indispensável para a constituição do discurso, como também o processo que o forma pela interação real e imaginária. Assim, as particularidades de cada discurso ocorrem no sentido de que as palavras constituem o significado do que está sendo dito, cumprindo a função de preencher os sentidos incompletos e vagos. Nesse sentido, afirma Bakhtin (1992, p.41):

[...] a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que despontam que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

Desse modo, observa-se que a palavra é fundamental e está inserida na formação discursiva, é constituída por marcas ideológicas e por isso “ao produzir o seu discurso, o sujeito se posiciona social e historicamente, assume uma formação ideológica que direciona seu discurso para que não ocorram conflitos e contradições a outro interlocutor” (FREITAS, 2010, p. 155).

Nessa perspectiva, entende-se, que o indivíduo se faz sujeito de seu discurso, mas precisa ter controle do que diz, porque às vezes as circunstâncias não permitem. O sujeito é controlado devido às posições assumidas, tudo isso está inserido à formação ideológica e ao lugar social que se ocupa.

Na perspectiva da AD, o sujeito não se concentra no nascedouro do significado, ele não é a origem, porque se constitui de outros sujeitos. Assim, o sujeito é produto da interação de várias vozes, da relação com o sócio ideológico, portanto tem caráter heterogêneo. Desse modo, o sujeito constrói sua identidade na interação com o outro. Para Pêcheux (1990), o sentido, assim como o sujeito, são constituídos no discurso, e isso ocorre em processo simultâneo, por meio da figura da interpelação ideológica, pois;

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas oposições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é reproduzida). (PÊCHEUX, 1990, p.144).

Pêcheux ressalta que “as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam.” Assim, esses termos adquirem sentidos em direção, em referência às formações ideológicas.

Nesta perspectiva, para Brandão (2004), o processo de descentramento do sujeito, aquele que perde sua centralidade ao interagir o funcionamento dos enunciados, ocorre no sentido em que a problemática passa a ser o sistema de representações e não mais o sujeito, apesar de sua fundamental importância.

Essa autora relata que a AD questiona a teoria da subjetividade, destacando a ilusão do sujeito em sua onipotência. Nesse sentido, a AD assegura que a ideologia e o inconsciente estão ligados, funcionam de forma idêntica na constituição do sentido e do sujeito. Desse modo, “o sujeito falante é determinado pelo inconsciente e pela ideologia.” (ORLANDI, 1986, p.119).

Brandão (2004) enfatiza que Pêcheux propõe uma teoria não subjetiva da enunciação, fundando uma teoria materialista dos processos discursivos. Nesse sentido, busca embasamentos em Althusser, no qual afirma que “a ideologia interpela os indivíduos em

sujeitos”, propondo com essa teoria que o essencial da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos, e que esses sujeitos estão inseridos em uma dimensão social, mesmo de forma inconsciente.

Pêcheux (1990), ao trazer essas reflexões para o campo da linguagem, em específico à materialidade do discurso e do sentido, afirma que “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes, em sujeitos de seu discurso e que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes correspondem.” (PÊCHEUX, 1990, 145). Dessa forma, entende-se que o sujeito se constitui com a linguagem e também deixa nela as marcas do processo ideológico.

O discurso é ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos. E a linguagem como interação é um modo de produção social, que não é neutra nem natural, sendo o local privilegiado da manifestação da ideologia que estão diretamente ligadas aos sujeitos (GUERRA, 2008, p.56).

Para Pêcheux (2007), o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimentos: o “esquecimento nº1” ocorre quando o sujeito é colocado como origem de tudo que diz. Refere-se ao esquecimento de maneira inconsciente e ideológica, assim o sujeito procura desfazer de tudo que faz parte de sua formação discursiva, isso é o que lhe confere a ilusão de ser criador absoluto de seu discurso.

Já o “esquecimento nº2”, de caráter pré-consciente ou sem inconsciente, o sujeito aproveita algumas formas e desfaz de outras, ao elaborar o seu dizer. Assim, o sujeito tem a ilusão de que esse seu dizer tem significado único. Acredita que todos os seus interlocutores receberão suas intenções e mensagens de uma única forma. Desse modo, não tem consciência dos outros que determinam seu dizer, da mesma forma, como também não tem pleno controle sobre os efeitos de sentido que seu dizer provoca.

De acordo com Pêcheux (2007), a ilusão que constitui um sujeito marcado pela ideia de unicidade é necessária, porque é por meio desta ilusão que o sujeito continua produzindo o seu discurso. Para a AD:

O sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação ao discurso do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados. No imbricamento entre linguístico e o social, a enunciação passa a ser um fator importante para a enunciação do significado (GUERRA, 2008, p. 49).

Desse modo, pode-se entender que é com a percepção do sujeito descentrado, clivado, heterogêneo, perpassado por muitas vozes, que provocam identificações múltiplas, no qual o sujeito se constitui ideologicamente.

## A CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM EM SEUS ASPECTOS HETEROGÊNEOS

No percurso da constituição do discurso, Guerra (2008) discute as investigações de Authier-Revuz (1990; 1982) que apontam para as manifestações de heterogeneidade enunciativa no processo de constituição do discurso, tendo a heterogeneidade mostrada e a constitutiva inerente a todo tipo de heterogeneidade.

Nesta perspectiva, a concepção de heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz, corresponde à visão bakhiniana de linguagem, no qual se pode afirmar que todo discurso é dialógico por natureza. Desse modo, segundo Freitas (2003), “o discurso não constrói sobre si mesmo, mas se elabora em vista do outro, o outro perpassa condiciona o discurso do eu”. No dizer de Bakhtin (1992, p. 392):

Não existe nem a primeira e nem a última palavra, não existe fronteiras para um contexto dialógico. Inclusive os sentidos passados, ou seja, gerados nos diálogos dos séculos anteriores, nunca podem ser estáveis, sempre vão mudar removendo-se no processo posterior.

Assim, a heterogeneidade constitutiva é o que prevalece para o funcionamento real do discurso, enquanto que na heterogeneidade mostrada, a presença do outro é revelada no discurso e, dessa forma, ocorre mudança na heterogeneidade do sujeito. Com relação a isso, Guerra (2008, p. 45) afirma que:

A heterogeneidade constitutiva é aquela em que o outro constitui um, o sujeito, e que este sujeito nem sabe quem é. São todos que passaram por sua vida, é tudo que leu, estudou. Em seu enunciado cruzam os dizeres de outros. A heterogeneidade mostrada é a manifestação explícita de diferentes vozes: sujeito, no momento em que fala, escreve, traz para o seu dizer alguns outros que o constituem, marcando assim distância entre ele e outros que ele seleciona de acordo com seus interesses. Esses “outros” são representados, na superfície linguística, por citação, aspas, comentários, itálicos, metáforas, imitação, ironia etc.

O sujeito enunciator retoma o discurso do outro por meio da heterogeneidade mostrada. Isso acontece de forma consciente em seu espaço discursivo. Por meio desse recurso produz como efeito de sentido a separação entre o dizer que pertence a si, e o dizer que pertence ao outro. Esse efeito de sentido disfarça a condição heterogênea de todo dizer. Desse modo, pode-se entender que:

[...] existe negociação entre a heterogeneidade mostrada *na* linguagem e a heterogeneidade constitutiva *da* linguagem em que o sujeito, movido pela ilusão do centro, pela ilusão de ser a fonte do discurso, por um processo de denegação, localiza o outro e delimita o seu lugar para circunscrever o próprio território. Afetado por um sujeito que divide, ou melhor, que tem que dividir seu espaço com o outro, o sentido se subjetiviza, torna-se heterogêneo bloqueando a tendência natural à homogeneização do sentido absoluto (BRANDÃO 1998, p. 43-4).

Desse modo, Pêcheux (1990) defende que é a partir do esquecimento n.1º que se é possível formar a articulação entre o conceito de sujeito que se acredita ser a fonte de seu discurso e o conceito de heterogeneidade constitutiva proposto por Authier-Revuz (1982; 1984). Isso se justifica pelo fato de que perpassado pela ilusão de ser o primeiro enunciador de seu discurso, o sujeito não identifica os limites que separa o dizer do outro com o seu próprio dizer. Assim, esse dizer passa como sendo constitutivo do discurso do sujeito que enuncia. Na visão de Authier-Revuz (1990, p. 32) isso remete a uma:

[...] heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que se constitui, aquela do outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente – se opõe à representação, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um - sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso.

Quanto à articulação entre o esquecimento n.2º, na visão de Pêcheux (1990) e de Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade mostrada acontece por meio da ilusão da realidade do pensamento transmitida no discurso que leva o sujeito a definir o outro em seu espaço discursivo. Esse sujeito dividido apresenta-se de várias formas, entre elas, pode-se afirmar a “incorporação do outro, os mecanismos metadiscursivos, as formas de oscilação, as formas de abertura do sujeito no discurso” (GUERRA, 2008, p. 58).

Nesse sentido, a heterogeneidade mostrada é uma forma de representação que um “discurso se constrói em si mesmo, de sua relação com o outro designando, em meio a um conjunto de marcas linguísticas, os pontos de heterogeneidades. Poderíamos relacioná-los com a intertextualidade.” (GUERRA, 2008, p. 58). Dessa forma, Guerra acrescenta que ao referir-se à heterogeneidade constitutiva pode-se entendê-la como *duplo dialogismo* existente no discurso. Assim, ela considera que “todo discurso se faz por meio do “já- dito” dos outros discursos e, portanto, é conhecido pelo seu interdiscurso”. E mais adiante, ela acrescenta que “o discurso não existe independente daquele a quem ele é endereçado”. Dessa forma, a recepção do destinatário é agregada e produz o processo de produção do discurso. Ela relaciona a heterogeneidade constitutiva com a *interdiscursividade*. Nessa mesma perspectiva, Gregolin (2001, p. 72) ressalta que:

A ordem do discurso é uma ordem *enunciável*. A ela deve o sujeito assujeitar-se para constituir em sujeito de seu discurso. Por isso, o enunciável é exterior ao sujeito enunciador e o discurso só pode ser construído em um espaço de memória, no espaço de um interdiscurso, de uma série de formulações que marcam, cada uma, enunciações que repetem, se parafraseiam, opõem-se entre si e se transforma.

Mesmo diante dessa heterogeneidade, propriedade elementar da constituição de sujeitos e do discurso, por conseguinte, da linguagem, considerando, sobretudo, aquilo que lhe é inerente, o processo de mobilidade contínuo de sentidos determinados pelo processo histórico-social, as pessoas se apreendem, se interpretam, estudam, ensinam e mantêm a ilusão de unidade. É na repetição e na circulação do que está na memória discursiva, condição do interdiscurso; isto é, nos já ditos por outros, na abertura, no deslize, no impreciso e, é no mesmo e no antigo que surge o outro, o novo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, foram evidenciados conceitos fundamentais em relação à concepção da linguagem enquanto seu aspecto heterogêneo. Desse modo, acredita-se na possibilidade de auxiliar quem almeja realizar estudos na perspectiva teórica da Análise do Discurso enfatizando a linguagem nesta modalidade discursiva.

Assim, foi possível compreender que o entrecruzamento de dizeres do outro, as incorporações dos “não ditos” provoca efeitos de sentido capazes de possibilitar a criação de um “novo discurso”. Nesse processo, ao conceber a linguagem e seus aspectos heterogêneos torna-se possível a identificação do enunciador e das ideologias presentes em seus discursos.

Nesse sentido, foi possível compreender que os sujeitos são históricos, heterogêneos e sociais e, por conseguinte, produz discursos perpassados por dizeres diversos, como também se constitui pelo dizer do outro, por influências ideológicas, pelo lugar social e institucional que ocupa. Pode-se afirmar que todo discurso é heterogêneo por sua própria natureza constitutiva, bem como linguagem e o sujeito.

Nesta perspectiva, este artigo é um recurso que contribui para o desenvolvimento da Dissertação de Mestrado, do programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo geral de pesquisa é analisar o discurso do idoso inserido no processo de letramento, como também para o pesquisador que propõe desenvolver análise de um corpus dentro dessa perspectiva teórica.

## DISCOURSE ANALYSIS AND CONSTITUTIVE HETEROGENEITY OF LANGUAGE: A THEORETICAL PERSPECTIVE

### ABSTRACT

This work is based on scholars as Authier-Revuz (2004), Pecheux (2007), Foucault (1997), Bakhtin (1992) and others, to seek theoretical guidance on the relation of language to the externality. This is understood based on the conditions of discourse production in relationship to intertextual materiality, through discursive memory. This article is part of the development of the Master's Thesis of the Master's program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul, whose overall research goal is to analyze the discourse of elderly inserted in the literacy process. This study has as the theoretical framework the Discourse Analysis. Thus, in this article, we aim to analyze the theoretical frameworks on Discourse Analysis, such as language, discourse, subject, ideology and constitutive heterogeneity of language. For this, we used as the research methodology the literature review. So, we hope that, with this article, we can contribute to understanding how the identification processes of the elderly subject happen and what representations that this subject does about them for being inserted in the literacy process.

**Keywords:** Discourse Analysis. Subject. Discourse. Ideology. Heterogeneity.

### REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Trad. de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-78.

\_\_\_\_\_. J. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). Trad. Celene M. Cruz e João W. Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Campinas: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. H. B. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. H. N. **Subjetividade, argumentação, polifonia:** A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/ FALE-UFMG, 2005.

FREITAS, S. A. As contribuições da Análise discurso de linha francesa às pesquisas em educação pesquisas em educação. In ARAUJO; ARAUJO (orgs). **Concepções e trajetórias de pesquisa em educação**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

FREITAS, S. A. **O discurso do professor iniciante: repetição ou deslocamento?** Anais do II GELCO, v. 2, 2003, p. 1345-1355.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **As verdades e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Cadernos Puc, 1974.

GREGOLIN, M. R. V. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. R. V.; BARONAS, R. (orgs.) **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos (SP): Claraluz, 2001.

\_\_\_\_\_. **Olhares oblíquos sobre o sentido no discurso**. In: Análise do discurso, interpretação e memória: olhares oblíquos. 2001a.

GUERRA, V. M. L. Sujeito, discurso e Ideologia na Análise do discurso. In: GUERRA, V. M. L. **Práticas Discursivas**: crenças, estratégias e estilos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 45-61.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, E P. **Análise do discurso do discurso**: algumas observações. São Paulo: Educ, 1986. V. 2, n.1.

PÊCHEUX, **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. E HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.